



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

7 DE DEZEMBRO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA — DF

DISCURSO À NAÇÃO BRASILEIRA,  
EM CADEIA NACIONAL DE RÁDIO  
E TELEVISÃO, SOBRE SEU PRO-  
GRAMA DE GOVERNO NA ÁREA  
DO MINISTÉRIO DA AGRICULTU-  
RA.

Brasileiros:

Tivemos uma fase de crescimento extraordinário nestes 20 anos. Cidades, indústrias, estradas, usinas hidrelétricas multiplicaram-se por todo o País.

Ao mesmo tempo, fizemos e estamos fazendo uma reforma agrária, cuja dimensão basta para calar os detratores: um milhão de títulos de terras entregues aos seus novos donos; 61 milhões de hectares distribuídos. Quantos países cabem nessa área!

Acima de tudo, uma reforma agrária pacífica, organizada, cuidadosa, desde o levantamento do tipo do solo até o apoio financeiro ao agricultor, como descrevi em meu pronunciamento anterior.

Você que trabalha numa fábrica, numa loja, num escritório, você depende de outros brasileiros que produzem os alimentos para você. Essa é a importância da Agricultura para você. Essa é a responsabilidade dos 40

milhões de brasileiros que vivem no campo: além de garantir seu próprio sustento, têm que produzir alimentos também para nós.

Mais de 90 milhões de brasileiros vivem e trabalham nas nossas cidades. Para alimentá-los, era preciso fazer a reforma agrária, era preciso expandir a nossa fronteira agrícola. Nossa vida ficaria muito difícil sem o aumento da produção de alimentos, sem a expansão da Agricultura.

Vamos pensar um pouco sobre o tamanho desse desafio: produzir alimentos para cento e trinta milhões de pessoas; e ainda produzir excedentes para exportar. Tudo isso, enfrentando um fator que ninguém controla: as variações climáticas, a seca, as enchentes, o sol e a chuva.

A vida urbana mudou os hábitos de consumo. O homem da cidade quer consumir mais carnes, verduras, frutas e óleos vegetais. E não dispensa os alimentos tradicionais como o feijão, o arroz e a mandioca. A mudança de hábitos de consumo e a crise energética colocaram pesadas responsabilidades sobre a agricultura.

Por outro lado, o ambiente em que trabalha o nosso homem do campo é muito variado. As terras de grande fertilidade do Centro-Sul, o Nordeste assolado pela seca, os cerrados do Centro-Oeste, a selva chuvosa da Amazônia. Uma agricultura de grandes e pequenos proprietários. Agricultura tradicional e primitiva ao lado das técnicas mais modernas do Mundo. Que ainda tem 300 milhões de hectares para conquistar. Com muitos problemas resolvidos e muitos para resolver.

Felizmente, a Agricultura nos últimos vinte anos teve um desenvolvimento extraordinário. Quero fazer dois registros, que mostram o valor do que faz a nossa agricultura. O primeiro, o fato mais significativo deste Sécu-

lo: a conquista dos cerrados. Tornada possível pelo esforço irmanado do nosso pesquisador e de nosso agricultor. São 210 milhões de hectares antes inaproveitáveis. Hoje 30% da produção agropecuária já vem do cerrado. O segundo registro, assumimos a liderança absoluta na pesquisa tropical e exportamos técnicas agropecuárias para mais de 50 países. Técnicas modernas permitiram explorar de forma mais racional e eficiente as áreas agrícolas mais antigas, nas Regiões Sul, Sudeste e Nordeste. Ao mesmo tempo, partimos para a ocupação agrícola de novas áreas no Centro-Oeste, no Nordeste e na Amazônia. Brasileiros de toda a parte estão realizando essa epopéia de colonização, incorporando milhões de hectares de novas terras à nossa produção. Brasileiros que acreditaram no lucro do trabalho da terra e foram para as regiões pioneiras em vez de ficar, sem emprego, amontoados nas favelas das Capitais.

A partir de 1964, o Governo adotou uma postura nova em relação à Agricultura. Antes só se preocupava com produtos isolados, conforme o valor de cada produto para exportações, como o café, o cacau, a cana-de-açúcar. A ação do Governo, que era dividida em segmentos estanques, passou a ser articulada, harmônica, integrada.

Quero trazer ao conhecimento de todos o elenco de medidas que o Governo executa, nessa política integrada de apoio à produção de alimentos, ao agricultor, ao pecuarista; medidas que começam com o financiamento da semente antes de plantar, acompanham a colheita, a armazenagem, o transporte, e vão até o mercado, onde você, por tudo isso, vai encontrar os alimentos para sua casa, para sua família.

A produção de grãos — soja, milho, feijão, trigo e arroz — 19 milhões de toneladas em 1964, aumentou pa-

ra mais de 50 milhões de toneladas em 84. O rebanho bovino de 84 milhões de cabeças em 64 cresceu para mais de 123 milhões hoje.

Esses números mostram que, de um modo geral, nos últimos 20 anos, a produção de alimentos cresceu mais do que a população, resultado que poucos países podem apresentar.

Mais impressionante é o desempenho agrícola no aumento das exportações e na substituição de importações. As exportações agrícolas cresceram à taxa média superior a 10% ao ano, saltando de 1 bilhão e 300 milhões de dólares para mais de 10 bilhões de dólares. Sem contar as exportações de manufaturados e semi-manufaturados que usam matérias-primas agrícolas.

Conseguimos uma economia de divisas vital ao substituir petróleo importado, com a produção de álcool combustível; de menos de 400 milhões de litros em 64, com PROÁLCOOL chegamos aos atuais 9 bilhões e 300 milhões de litros.

Decidi, no início do meu governo, dar prioridade à Agricultura. Isso era necessário, no contexto das medidas para fazer face à crise econômica internacional.

Iniciativas dos governos anteriores davam suporte firme à minha decisão: o Estatuto da Terra, divisor de águas da questão fundiária; o Sistema Nacional de Crédito Rural e a política de garantia de preços mínimos dos produtos essenciais para a nossa alimentação; a política de minidesvalorizações cambiais, que afastou os constantes prejuízos do exportador agrícola; o sistema EMBRAPA-EMBRATER, que deu impulso à pesquisa agropecuária e à extensão rural; o PROAGRO, programa de seguro apropriado para reduzir o risco da atividade rural.

Os aumentos não previstos no preço do petróleo em 73 e 79, a valorização do dólar e a elevação brutal nas taxas de juros internacionais, a partir de 1980, trouxeram enormes dificuldades para nós. Foi o fim da energia farta e barata; o fim do dinheiro fácil e a juros baixos.

Foi necessário reorientar o nosso crescimento para setores de maior uso dos recursos disponíveis no Brasil e de menos dependência de importações. A Agricultura utiliza terra, água e mão-de-obra, recursos abundantes no Brasil. É o setor da economia que menos usa importações. E o capital investido na Agricultura produz lucros em prazo menor comparado com outros setores. Isso é muito importante, quando há escassez de recursos financeiros e quando as taxas de juros estão elevadas.

Além da situação internacional adversa, tivemos em 1978 e 79 dois anos maus para a Agricultura, com geadas, secas prolongadas em algumas regiões e excesso de chuvas em outras.

Quando assumi o governo, essa situação de quebra de safra ocasionava a elevação dos preços dos produtos agrícolas, crises de abastecimento, filas e necessidade de importações de alimentos.

Tanto o contexto internacional, quanto a situação interna, portanto, motivavam o Governo a dar prioridade para a Agricultura.

Defini como objetivos: primeiro, aumentar a produção de alimentos para o povo e de matérias-primas para as nossas indústrias, garantindo o abastecimento interno, amenizando a inflação e gerando ganhos reais; segundo, aumentar as exportações agropecuárias e substituir importações, especialmente na área da energia; terceiro, melhorar o padrão de vida do homem do campo.

Esses objetivos só poderiam ser atingidos com o aumento da produtividade e a garantia de lucro razoável no

setor agrícola. Ninguém produz para ter prejuízos. Todos os que trabalham, os que produzem, desejam e merecem ter lucro com o seu trabalho.

Aprovei um conjunto de medidas para incentivar o agricultor, para aumentar a produção, para facilitar o abastecimento das nossas cidades, para melhorar as condições sociais no campo. Vou resumir as principais medidas e seus resultados.

Para incentivar o produtor e aumentar a produção utilizamos o crédito rural, o seguro rural, a pesquisa e a extensão rural, os programas de expansão, de irrigação e de eletrificação das áreas agrícolas.

Através do crédito rural, foram concedidos aos agricultores, a preços de hoje, cerca de 118 trilhões de cruzeiros, sob a forma de crédito subsidiado, isto é, empréstimos com taxas de juros bem inferiores à inflação. Em média, foram assinados, por ano, 2,5 milhões de contratos de empréstimo; o que dá uma idéia aproximada do número de agricultores beneficiados.

Vejam só: 118 trilhões de cruzeiros, e eu sei bem que esse elevado volume de recursos não foi suficiente para atender a todas as necessidades dos agricultores. Também não tivemos recursos suficientes para Saúde, Educação, ou Habitação. Esse é o drama do nosso tamanho: as necessidades superam os recursos disponíveis em qualquer setor da vida nacional. Também não era possível aumentar mais os impostos. Mantive a prioridade agrícola, mesmo nos momentos mais difíceis da crise financeira, quando tivemos de executar um programa de ajustamento para restabelecer o equilíbrio externo da economia. Prioridade é isso. Quando vai bem, o setor prioritário recebe mais recursos e mais atenção que os demais. Quando há uma crise, o setor prioritário sofre menos cortes e restrições que os outros.

Além de aplicar o maior volume possível de recursos no crédito rural, adotei outras medidas para melhorá-lo. Criei os VBCs — Valores Básicos de Custeio — uma estimativa baseada no custo de produção e não no preço.

O reajuste anual do VBC, em geral, superou o índice de inflação. Neste ano, por exemplo, autorizei um reajuste médio do VBC de 270%.

Também orientei os bancos particulares para o crédito rural, para aumentar o financiamento e diversificar as fontes de financiamento. É preciso agora que os bancos particulares tomem consciência dessa contribuição que tem de dar à Agricultura. Isso ajudará a agricultura a depender menos do Governo, pois torna o crédito rural mais estável e mais imune às mudanças na política monetária.

Aprovei várias medidas para atender melhor o produtor. Novos postos do Banco do Brasil levaram o crédito ao pequeno produtor. Mudou o critério de classificação do pequeno produtor, para aumentar o número de agricultores com direito a créditos maiores. Com isso, a participação dos pequenos produtores no crédito agrícola do Banco do Brasil aumentou de 16 por cento do total emprestado, em 1978, para mais de 37 por cento, em 83. E o número de contratos desses produtores passou de 614 mil para mais de 1 milhão.

Nos casos de secas, enchentes ou geadas, anistiei as dívidas dos pequenos agricultores, ou foram prorrogadas ou consolidadas.

A partir de 1981, a política de subsídio ao crédito começou a ser substituída, gradualmente, pela política de estímulo através de preços compensadores. Este é um assunto importante para todos, sobretudo para você que é agricultor. Gostaria de esclarecer bem esse tema, porque

já foi explorado de forma demagógica para fins eleitorais.

O subsídio no crédito rural exerceu um papel importante. Ajudou a mecanização da Agricultura; estimulou o uso de técnicas modernas e mais eficazes; permitiu iniciar a integração da região dos cerrados na produção agrícola; aumentou o nível de recursos do produtor rural, especialmente na Região Sul.

Cumpriu um papel positivo por algum tempo, mas passou a gerar distorções na distribuição interna de recursos. Atingiu níveis exagerados. Criou *deficits* governamentais crescentes que era preciso conter.

Mas, o seu grande defeito: o subsídio só beneficiava quem conseguia um empréstimo, cerca de 25 por cento do total de produtores. E esses agricultores eram os que já tinham melhores condições financeiras e que, por isso mesmo, tinham mais facilidade para tomar empréstimos. Já a política de estímulo através do preço, ao contrário, beneficia a todos os produtores, rico ou pobre, grande ou pequeno. E tem de produzir para ser beneficiado.

A redução dos subsídios foi gradual e feita de forma diferente para cada região. Demos um tratamento mais favorável para as áreas de agricultura mais frágil. No Nordeste e no Norte, os produtores pagam apenas 85 por cento da correção monetária. Em alguns municípios do Nordeste, atingidos pela seca, pagam apenas 35 por cento.

Aperfeiçoei a política de garantia de preços mínimos para defender o produtor da inflação. A partir de 1981, os preços mínimos foram corrigidos automaticamente pelo INPC até o início da colheita. Mais tarde, passamos a corrigi-los pela variação da ORTN; neste ano, estendemos a correção até o pico da comercialização da safra, em abril.

Os preços mínimos ficaram mais realistas e o comércio de produtos agrícolas ficou mais livre interna e externamente também. A política cambial favoreceu a exportação agrícola.

Os preços mínimos a cada ano, em média, cresceram mais do que a inflação. Este ano, por exemplo, autorizei um aumento médio de 261 por cento. Hoje 40 produtos, inclusive de origem animal, têm preço mínimo garantido.

Outro estímulo do Governo para a Agricultura é o seguro rural, com o PROAGRO. O risco e a incerteza para cada agricultor são grandes, devido aos problemas de clima e às pragas.

Em 79, o PROAGRO cobria 80 por cento do empréstimo do Banco ao agricultor. Agora, o seguro cobre todo o empréstimo, mais as despesas do produtor. Em caso de indenização, os valores são atualizados pela correção monetária. De 1979 até setembro deste ano, o Governo gastou, a preços de hoje, Cr\$ 2 trilhões através do PROAGRO. Você se lembra, eu mencionei que, no mesmo período, concedemos Cr\$ 118 trilhões em créditos subsidiados. O PROAGRO teve de cobrir somente Cr\$ 2 trilhões de perda de safra. Isso mostra que a Agricultura é um negócio bom e seguro.

Impulsionei os programas de apoio à expansão da fronteira agrícola, como o POLONOROESTE, o POLOCENTRO, o PROVÁRZEAS, que descrevi no meu pronunciamento sobre as atividades do Ministério do Interior.

O POLONOROESTE, criado no meu governo, teve impacto no avanço agrícola no oeste e noroeste de Mato Grosso e Rondônia, cobrindo uma área de 410 mil quilômetros quadrados.

O POLOCENTRO, de 79 a 83, apoiou a ocupação agrícola em 3 milhões e meio de hectares de cerrados.

Criei 3 importantes programas de irrigação: o PROVÁRZEAS, o PROFIR e o PROHIDRO. O PROVÁRZEAS, para aproveitar as terras das baixadas, em geral muito férteis, mas não utilizadas. Temos 30 milhões de hectares de várzeas irrigáveis ainda não aproveitados. Nesses 3 anos, 27 mil pequenas e médias propriedades foram beneficiadas por projetos de irrigação e drenagem; 450 mil hectares de várzeas passaram a produzir. Através do PROFIR, financiamos, em 2 anos, a aquisição de equipamentos de irrigação para 70 mil hectares.

No Nordeste, castigado por 5 anos de seca, além de continuar os programas de irrigação, lancei o PROHIDRO, um novo programa de construção de açudes e perfuração de poços, para aproveitar melhor as águas de superfície e subterrâneas. Foram construídos 89 açudes para abastecimento e perenização de rios. O seu uso na irrigação já beneficia 450 mil pessoas. Cerca de 20 mil poços foram perfurados ou recuperados. A capacidade de armazenar água no Nordeste em 1979 era de 12 bilhões de metros cúbicos; hoje atinge 25 bilhões.

Consciente do papel fundamental da pesquisa agropecuária e da extensão rural, tratei de dinamizar as suas atividades.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — EMBRAPA já engloba 38 Unidades de Pesquisa em todo o País, coordena as atividades de 13 empresas estaduais e tem ligação com várias universidades e entidades privadas. É um conjunto de mais de uma centena de organizações, 4 mil pesquisadores trabalhando para melhorar a produtividade, criar e modernizar técnicas em favor do homem do campo.

Mais de 1.000 novas tecnologias e 500 recomendações de pesquisa foram oferecidas ao produtor rural. Vou citar a criação de novas variedades de milho híbrido, pró-

prias para o cerrado; sementes de novas variedades de soja, algodão, sorgo e feijão, faço menção especial para o controle biológico de pragas nas culturas de soja e algodão com o qual reduzimos o uso de produtos químicos, com grandes benefícios econômicos e ecológicos. No início de meu governo a produtividade média de grãos era em torno de 1.200 quilos por hectare. Hoje, já supera 1.400 quilos por hectare, graças a essas novas técnicas.

No cacau, o Brasil detém hoje a mais avançada tecnologia de cultivo e beneficiamento do Mundo. A produtividade triplicou desde 1964 e hoje é a maior do Mundo.

Na cultura de cana-de-açúcar, temos estações experimentais espalhadas por todo o País, realizando pesquisas para melhoramento genético, controle de pragas e adubação.

Para a defesa agropecuária, criei o Laboratório Nacional de Referência Animal, LANARA. Proteger a sanidade dos rebanhos é garantir nossa alimentação em quantidade e qualidade. O LANARA já organizou diagnósticos das principais doenças animais e desenvolveu o controle de qualidade de vacinas. Está em curso o plano de erradicação da febre aftosa. Também um grande programa envolvendo o Governo, o produtor e a indústria foi desenvolvido para acabar com a peste suína africana e a peste suína clássica. Em setembro último, a Região Sul — principal área de suinocultura do Brasil — foi declarada livre da peste suína africana. Agora no mês de dezembro, o Brasil foi declarado país livre da peste suína africana.

Os resultados dessas pesquisas chegam ao homem do campo com mais rapidez e eficácia graças ao Serviço de Extensão Rural. Em 1964, esse Serviço estava presente em 634 municípios e assistia 115 mil produtores. A EMBRATER ampliou o número de produtores atendidos, dando mais atenção aos pequenos produtores. Em 78, já

orientava 900 mil agricultores e o pequeno produtor representava 33 por cento desse total. Em 83, os agricultores atendidos chegaram a 1 milhão 250 mil, 96 por cento pequenos produtores. Mais 200 novos escritórios de campo foram abertos, tornando efetiva a presença da extensão rural em mais de 3 mil municípios brasileiros.

Outra arma valiosa é a eletrificação rural. Até 1964, limitava-se a iniciativas isoladas de algumas cooperativas e de órgãos estaduais. Havia cerca de 25 mil propriedades rurais eletrificadas. Quando assumi o Governo, 369 mil propriedades rurais tinham eletricidade. Hoje, ela atende mais de 894 mil propriedades rurais, fazendo crescer a produção, aumentando a produtividade, levando conforto e melhorando o padrão de vida do homem do campo.

Tudo isso foi feito quanto à produção. Vou indicar agora o que fizemos no abastecimento. A ação do Governo no abastecimento, quer em armazenagem, quer na comercialização, é dar apoio, nunca substituir a iniciativa privada. É estimular a ampliação e a modernização da armazenagem; é financiar a compra de safras e os estoques reguladores; ou corrigir falhas da rede de vendas.

Conseguimos ampliar a armazenagem, de 52 milhões de toneladas em 1979 para mais de 60 milhões em 84. Mais da metade dos recursos aplicados destinaram-se às regiões de fronteira agrícola no Norte, Noroeste e Centro-Oeste. Além da construção de armazéns públicos, o Governo financiou, pelo PRONAZEM, a recuperação de armazéns pelos particulares, o que representou quase 7 milhões de toneladas a mais de armazenagem.

Na comercialização, o Governo desenvolve duas atividades principais. Através da Companhia de Financiamento da Produção, compra diretamente ou financia a compra, pelo setor privado, de produtos agrícolas para a

formação de estoques reguladores. E através da COBAL, supre as falhas da rede de mercados particulares.

Como todos sabem, as colheitas concentram a produção em certos períodos do ano, e o nível de produção de um ano para outro varia muito. Essas flutuações e concentrações dificultam a manutenção de preços estáveis. Prejudicam ora o produtor, ora o consumidor.

Os estoques reguladores evitam a queda exagerada dos preços nos picos de safra e nos anos de abundância, e evitam as crises de abastecimento na entressafra e nos anos ruins.

Consegui quadruplicar o volume de compras anuais de grãos pela Companhia de Financiamento da Produção, que em 1979 era de 432 mil toneladas. Atingimos, no período de 79-84, a média de mais de dois milhões de toneladas por ano. Os empréstimos governamentais ao setor privado para estoques reguladores, em 79 financiavam 6,8 milhões de toneladas de grãos. Passaram a financiar, no período 79-84 a média anual de 13 milhões de toneladas.

Postos Volantes de Compra foram criados para apoiar os pequenos agricultores da fronteira agrícola em Mato Grosso, em Goiás ou em Rondônia, onde falta armazenagem e transporte. No ano passado, o Governo comprou 1 milhão de toneladas de arroz e milho nessas áreas pioneiras, através desses Postos Volantes.

Os estoques reguladores de milho, arroz e feijão, do Governo, evitaram uma crise de abastecimento em 1982, quando tivemos uma safra ruim devido a problemas climáticos. Nos casos de safra ruim, temos inclusive de importar alimentos. É difícil aceitar que o Brasil tenha de importá-los. Mas o dever do Governo, acima de tudo, é garantir a subsistência da população, mesmo que tenha de fazer importações ocasionais.

A COBAL vende produtos através de suas unidades próprias e através da Rede SOMAR de abastecimento. Entre 1979 e 84, passou de 257 para 380 postos e armazéns próprios de apoio à população. Nesse período, a população atendida diretamente pela COBAL cresceu em 15 por cento.

A Rede SOMAR de Abastecimento é uma associação voluntária de pequenos e médios comerciantes varejistas, aos quais a COBAL fornece alimentos essenciais, a preços moderados, para revenda às populações mais pobres. A Rede Somar, em 1979, tinha 2.000 associados; hoje, são mais de 6.000.

A COBAL também leva alimentos às áreas isoladas. Seus mercados flutuantes ou mercados rodoviários volantes, atendem às populações nas zonas de garimpo, as populações ribeirinhas, as populações carentes das zonas canavieiras do Nordeste e os trabalhadores residentes em áreas de execução de grandes projetos, como Carajás e Tucuruí.

Vou mostrar, agora, alguns dados estatísticos. Para você que mora na cidade conhecer o trabalho espetacular que os nossos irmãos fizeram na área rural nestes cinco anos.

Vou começar com a soja. É um alimento da maior importância, com alto nível de proteína. Não havia soja no Brasil até há poucos anos, porque a soja precisa de muitas horas de sol, dos dias longos do verão das regiões temperadas. A soja veio para o Rio Grande do Sul, mas nós brasileiros, com 7 anos de pesquisa, criamos a soja tropical, capaz de crescer em todo o nosso Território, de clima tropical. Em 1978, a área de cultura da soja tinha 7 milhões e 782 mil hectares, que produziam 9 milhões e 500 mil toneladas; agora, são 9 milhões e 400 mil hectares que produzem o dobro, 15 milhões e 500 mil toneladas.

Além do aumento da área, a produtividade subiu de 1.225 quilos por hectare para 1.651 quilos por hectare. Os grandes produtores além do Rio Grande do Sul, são o Paraná, Santa Catarina e São Paulo. Mas, nesse período, Minas Gerais dobrou a sua área de cultivo; Mato Grosso passou de cinco mil e quinhentos para 538 mil hectares; Mato Grosso do Sul, de 490 mil hectares para um milhão e cento e oitenta mil, e Goiás, de 96 mil para 583 mil hectares.

Também quase duplicou o cultivo de cana-de-açúcar, de 130 milhões de toneladas para 246 milhões, aumentando a produtividade de 54 mil quilos por hectare para 63 mil quilos por hectare.

Passamos a ser o maior exportador mundial de laranjas e o segundo maior produtor; de 39 bilhões e 132 milhões de frutos em 78, chegamos hoje a 63 bilhões e 42 milhões.

Conseguimos dobrar a produtividade do milho, de 1.219 quilos para 2.161 quilos por hectare. Com isso, a área de cultivo diminuiu cerca de 30%, mas a produção aumentou de 13 milhões e 500 mil toneladas, em 78, para 19 milhões e 400 mil toneladas na última safra. Também melhoramos muito a produtividade da batata e do tomate. De 9.500 quilos por hectare passamos para 12.600 quilos por hectare de batata. De 26.200 quilos de tomate passamos para 35.000 quilos por hectare.

Não posso deixar de registrar que a seca do Nordeste afetou alguns produtos como o feijão e a mandioca, embora cultivados em todo o País.

Já o arroz, também cultivado tradicionalmente, como o feijão e a mandioca, por milhões de pequenos produtores, encontrou novos horizontes com a irrigação de cerrados, que está promovendo mesmo duas colheitas anuais. Goiás e Rondônia aumentaram o cultivo de for-

ma considerável. Passamos de 7 milhões e 300 mil toneladas em 78 para 9 milhões na safra passada.

Outras indicações importantes para o abastecimento das nossas cidades: o rebanho bovino subiu de 107 milhões de cabeças, em 78, para 123 milhões, em 84. Um aumento de 35 por cento, no mesmo período, ocorreu nas aves, de 345 milhões para 470 milhões. A produção de leite natural subiu 17 por cento, de cerca de 9 para mais de 11 bilhões de litros. A produção de ovos cresceu 29%, de 1 bilhão e 70 milhões de dúzias para 1 bilhão 382 milhões de dúzias.

Quero abordar agora um tema muito importante. O avanço da Agricultura e a utilização dos recursos florestais está sendo feito em harmonia com a preservação dos sistemas ecológicos existentes.

Dos nossos 845 milhões de hectares de terras, cerca de 347 milhões estão cobertos por floresta tropical; 112 milhões por vegetação de cerrado e 34 milhões pela vegetação de caatinga. Assim, 60% do nosso Território tem algum tipo de cobertura florestal. É uma enorme riqueza que não podemos abandonar nem destruir.

Temos de impedir o avanço predatório sobre esse patrimônio da Natureza, que nos pertence e aos nossos filhos e netos. A floresta é um recurso natural renovável, cuja utilização racional permite conciliar esses dois objetivos. Para isso, aprovei medidas rigorosas de preservação, ao lado de uma política substantiva de incentivos fiscais ao reflorestamento.

Em 1978, tínhamos 2,4 milhões de hectares resguardados. No meu governo, quintuplei a área de preservação que chega a 12 milhões de hectares. Temos 26 Parques Nacionais, 14 Reservas Biológicas e 14 Florestas Nacionais. Os diversos sistemas ecológicos existentes no País estão protegidos.

O reflorestamento aumentou 67 por cento nestes 6 anos. Em 78, a área de floresta plantada com incentivos fiscais montava a 3 milhões e 300 mil hectares. Hoje, chegamos a mais de 5 milhões e 500 mil hectares. Impulsionei em especial o reflorestamento no Nordeste, porque lá é vital para conservar a água. Até o Nordeste só tinha 109 mil hectares de florestas plantadas. Hoje os projetos em curso cobrem área oito vezes maior, atingindo 890 mil hectares.

Meus Amigos,

Este é o balanço que queria trazer esta noite. O desempenho dos brasileiros no setor rural nesses 6 anos.

A Agricultura foi o setor que mais cresceu no período 79/84. Prestou uma contribuição valiosa à nossa comunidade, durante este duro período de crise. Aumentamos mais de 10 milhões de toneladas a produção anual de grãos. Ampliamos as exportações agrícolas. Substituímos importações de petróleo com o PROÁLCOOL. Fizemos valiosos avanços tecnológicos e ganhos de produtividade.

As condições de vida do homem do campo ficaram melhores. Realizamos um imenso programa de reforma agrária, de forma pacífica. Cresceu a produção e cresceram os lucros reais, acima da inflação.

Temos ainda milhões de hectares de terras para plantar. Temos de produzir mais alimento para os nossos milhões de brasileiros. Temos de manter o abastecimento das cidades que crescem todos os dias. Temos de manter o equilíbrio entre o lucro do produtor e o preço acessível para o consumidor nos alimentos essenciais do nosso povo. É uma tarefa complexa, permanente, de grandes dimensões. Fizemos muito, mas é preciso continuar a fazer muito mais.

Muito Obrigado e boa noite.